

# O Rio São Francisco

(Conclusão da página 14ª.)

metros na estiagem e de 5 a 8 metros nas cheias.

Já se tem afirmado que o fluxo do São Francisco procede da descarga de 5 afluentes: Paracatú, Uruçuia, Carinhonha, Corrente e Grande.

A descarga média, frente a Juazeiro, durante a enchente, é oito vezes maior que na estiagem. Devido à forte evaporação, a descarga em Petrolândia é menor que em Barra, sendo 300 metros cúbicos de diferença entre a primeira e segunda localidade. Isso não impede, porém, de o rio atravessar a região semi-árida com saldo de 600 m<sup>3</sup>/s.

Saint-Hilaire assim descreve a cachoeira Casca d'Anta, na serra das Canastras, onde nasce o soberbo rio: "Para sentir o enlêvo deste conjunto, tentemos imaginar a reunião de tudo quanto nos encanta a natureza: um céu belíssimo, rochedos altaneiros, uma cachoeira majestosa, água limpíssima, a mais fresca verdura, enfim matas virgens que apresentam todas as formas da vegetação dos trópicos.

— "Das cabeceiras até Pirapora o rio corre em declive muito acentuado, saltando corredeiras, itaipavas, cachoeiras, espumoso e barulhento, tirando aos homens o gosto das viagens". (M. Proença).

Nos cursos médio e inferior, abrangendo duas seções navegáveis: de Pirapora a Joazeiro e de Marechal Floriano (ex-Piranhas) a Penedo, as populações ribeirinhas do São Francisco vivem com 200 anos de atraso. Não há agricultura organizada e a pecuária não pesa na economia nacional. A maneira de cuidar dos mingua-dos rebanhos e o tratamento de roças insignificantes ainda datam dos tempos do Brasil Colonial.

Faltam escolas, estradas, assistência médica, tudo. São 3 milhões de brasileiros que vivem abandonados à própria sorte, castigados por uma natureza hostil, levando uma vida rudimentar e mal podendo manter-se com os próprios recursos. É o trecho do S. Francisco, que vai de Joazeiro a Marechal Floriano, atravessa uma região semi-árida, isto é, o pior sertão brasileiro.

— "Deixa as regiões alpestres, cidades alondoradas sobre serras, refletindo o arrôjo incomparável das bandeiras; atravessa depois as grandes gerais, desmedidas arenas afetas à sociedade rude, liberrima e forte dos vaqueiros; e atinge por fim as paragens pouco apetecidas, amanhinhadas pelas secas, talhadas aos roteiros lentos e penosos das missões" (Euclides da Cunha).

As margens são formadas por caatingas, descritas com tanto vigor e exatidão nas páginas d'"Os Sertões", sendo caracterizadas por um solo rochoso avermelhado, onde brotam, aqui e ali, moitas, rolas de plantas raquíticas ou capoeiras de arbustos mirrados. Bem junto ao rio se encontra uma vegetação luxuriante capaz de animar um esforço agrícola. A natureza é selvagem e agressiva. Emagac o espírito mais idealista com sua brutal hostilidade. É neste percurso que se encontra a cachoeira de Paulo Afonso.

No meio de uma região árida, pedregosa e de vegetação agonizante, aparece um sober-

bo quadro de beleza rústica e impressionante pela singular disposição de sua topografia. O formato da cachoeira é de um perfeito "C" e a impressionante massa de água cai, em três lances, de uma altura de 80 metros, produzindo 1 milhão e 200 mil cavalos-vapor.

A variedade de aspectos é incomparável e indescritível, suplantando a imponente Sete Quedas e o majestoso salto de Santa Maria do rio Iguaçu.

Quando a visitei, em 1948, escrevi no livro de impressões: "A Cachoeira de Paulo Afonso é um espetáculo digno da admiração de Deus".

O rio São Francisco tem feito o relevante papel de traço de união entre o Norte e o Sul, por isso é apontado como sendo a base do Brasil.

Também exerceu importante papel histórico na era do desbravamento, pois serviu de roteiro às bandeiras baianas e paulistas, permitindo a confraternização de ambas na grandiosa tarefa de nossa expansão geográfica. Maurício de Nassau que explorou 10 léguas do grande rio, com a visão genial de estadista, afirmou: "O rio São Francisco é o celeiro do Brasil". Não se deu importância e nem crédito à frase lapidada do grande conquistador. Somente em nossos dias, deixou de ser uma figura retórica, quando o engenheiro Adosino Magalhães de Oliveira demonstrou que a bacia saofranciscana, que mal sustenta 3 milhões de habitantes, sendo irrigada, poderá sustentar 100 milhões de pessoas.

E, com o aparecimento d'"Os Sertões" do imortal Euclides da Cunha, foi que se começou a estudar com seriedade o nosso interior. Além de ter sido um monumento que honra a cultura do Brasil, "Os Sertões" mostrou também o valor do nosso interior, ainda pouco conhecido, e salientou a formidável resistência física do sertanejo brasileiro. E, como era natural, os estudos sobre o rio São Francisco passaram a ser focalizados.

Por ocasião da última confagração, quando as incursões dos submarinos do "Eixo" prejudicaram as comunicações do Norte com o Sul, foi o São Francisco que conservou unidas as duas seções do País. E foi essa imposição dos acontecimentos que nos fez considerar outros fatores, até então esquecidos. O papel do rio São Francisco na vida econômica brasileira está caracterizado sob triplice aspecto: via de comunicação, fonte de água para irrigação e produtor de energia elétrica.

Qualquer outro problema que possa surgir, como industrialização do pescado, fabricação de adubos, extração de minérios ou siderurgia, está na dependência de uma de suas características fundamentais.

— "A navegação comercial no curso médio do São Francisco (de Pirapora e Joazeiro) qualitativamente obsoleta e quantitativamente deficiente e ainda dificultada pela variação da descarga e mudança do leito, intensificadas pela devastação das matas à montante." (O rio das Velhas, por exemplo, outrora era francamente navegável e graças à alergia que o sertanejo brasileiro tem pelas árvores perdeu

as suas condições de navegabilidade).

No curso inferior, isto é, entre Marechal Floriano e Penedo, somente dois pequenos vapores transportam passageiros. A quase totalidade das cargas é transportada em cerca de 1.400 embarcações à vela e devido à constância dos ventos, a navegação motorizada dificilmente poderá competir com canoas, a não ser que o rio fosse consideravelmente melhorado, de modo a permitir navegação de maior tonelagem".

(Relatório da Comissão de Estudos e Obras do Baixo São Francisco).

— "A Constituição brasileira, para o soerguimento do vale do São Francisco, reserva 1% da receita da União para atender às providências fundamentais: comunicação, irrigação e energia.

É indispensável colocar o problema fora do interesse dos políticos, tendo um plano de conjunto e estabelecendo um programa para toda bacia, como se fez para a bacia do Tennessee".

— "E um passo nessa direção é o plano de Geraldo Rocha que consiste em:

a) — uma barragem com pouco mais de 20 metros de altura, no São Francisco, entre Sobradinho e Joazeiro, produzindo um remanso de cerca de 300 quilômetros para montante.

b) — uma barragem no Rio Grande, na garganta da "Serra do Boqueirão" formando um lago, cujo volume tenha aproximadamente quatro vezes o da água existente na baía de Guanabara. O remanso afogará a cidade de Barreiras, no curso superior, e subirá pelo rio Preto até São Marcelo.

Maurício Joppert da Silva, ampliando o plano supra, prevê, em vez de uma única barragem, uma sucessão de barragens que representem a água em degraus sucessivos até Petrolândia, regularizando o rio pelo afogamento dos obstáculos, em vez de proceder a sua retirada; os estírios sucessivos seriam postos em comunicação por meio de eclusas ou canais laterais e a água aproveitada para fertilizar o semi-deserto; poder-se-ia produzir ainda energia em uma potência global de mais de 2 milhões de C. V. contando-se com Paulo Afonso e as represas sucessivas desde Sobradinho.

Quanto aos afluentes, além de uma barragem no Rio Grande, barragem no Corrente, Uruçuia e um canal ligando as bacias do Corrente e do Rio Grande. As barragens nos afluentes tem por finalidade:

1) regularização da descarga, diminuindo a amplitude da descarga no São Francisco;

2) irrigação das terras adjacentes;

3) produção de energia hidro-elétrica para estimular a indústria local". (Prof. Hilgard O. Sternberg).

A criação da Companhia Hidro-Elétrica do S. Francisco (outubro de 1947) foi o primeiro esforço concreto do governo em favor do soberbo rio.

Esta companhia já fez brotar em pleno sertão agreste a cidade de Paulo Afonso, onde trabalham 15 mil operários nas obras da formidável usina que

irá ser o orgulho de nossa geração.

Delmiro Gouveia, um rude cearense e titan de energia, foi o precursor do aproveitamento de Paulo Afonso. Captou, para movimentar uma fábrica de linha de costura, que montou na cidade que hoje tem seu nome, uma quantidade insignificante do potencial da cachoeira. E a obra feneceu com o seu trágico desaparecimento. Dado o descaso dos novos donos e sem auxílio do governo, não foi possível enfrentar a guerra movida pela Machine Cotton que acabou por comprar a fábrica por preço irrisório, tendo os ingleses jogado no rio todo o maquinismo que produzia linha.

A nova usina poderá fornecer, inicialmente, 700 mil C. V. e, uma vez regularizada a descarga do rio, essa quantidade poderá ser duplicada. Toda a área dentro de um raio de 400 quilômetros de Paulo Afonso será beneficiada.

Cumpra observar que a grande variação de descarga devido ao regime climático e a falta de reservatórios de compensação dificultam o aproveitamento de Paulo Afonso; na enchente a descarga é gran-

de a queda diminui; na estiagem, dá-se o inverso: a queda aumenta e a descarga diminui.

Em Itaparica funciona uma turbina com 1000 C. V., quando o potencial aproveitável ultrapassa de 150.000 C. V.

No alto São Francisco, de Pirapora para montante "oferece potenciais motrizes que por si só constituem riqueza suficiente para assegurar a prosperidade de um País" (Geraldo Rocha).

E quando a Capital brasileira se transplantar para o planalto goiano, maiores serão os benefícios para o vale do rio São Francisco, que fará, então, dentro da genial previsão de Maurício de Nassau, o papel de Celeiro do Brasil.

E ao ruído das turbinas de Itaparica e Paulo Afonso, ouviremos também o riso alegre das crianças que habitam os lares felizes de homens livres, veremos ao sol fecundante de nossa terra crescerem as plantações e o Brasil será então uma terra de paz, trabalho e fraternidade, cumprindo assim a sua predestinação cristã, quando Deus colocou no nosso céu a soberba constelação da Cruz.